

UMA VISÃO SISTÊMICA DA VIOLÊNCIA

ROSANA RAPIZO

DEZEMBRO 2003

Neste trabalho pretendo tentar pensar a violência com três ferramentas, três pontos de vista: o sistêmico, o construcionista social e o das teorias sobre a aprendizagem a partir da experiência ou da ação.

Olhar a violência desde uma **perspectiva sistêmica** implica em: pensar em relações, contextos e processos. Implica em pensar em conexões não lineares e sim complexas. Implica em pensar que não é um fenômeno que possa ser controlado com qualquer medida linear ou unilateral. A violência não é propriedade de um indivíduo violento nem de uma categoria de indivíduos, perfil, nem tem causas ou conseqüências lineares. Falar da violência desde o ponto de vista sistêmico implica em tentar evitar a lógica disjuntiva ou/ou que transforma diferenças em hierarquias ou em posições antagônicas próprias das definições tradicionais da violência em nossa cultura. Entender a violência desde um ponto de vista sistêmico implica em entendê-la como forma, como padrão que conecta, usando as palavras de Bateson.

Então podemos começar a pensar na violência em uma definição mais sistêmica como um “padrão, um estilo, uma modalidade de trato em que uma pessoa exerce sobre outra, sobre si mesma e sobre objetos, com a característica de que a primeira não percebe, ou percebe de forma diferente de outras pessoas no contexto, que produz danos que vão de uma mal estar psíquico até lesões físicas concretas (doença e morte inclusive)” (Ravazzola). Pensando a violência em uma relação, então, proponho avançarmos um pouco e pensarmos nela como fenômeno comunicacional. Por exemplo: “quem exerce o abuso não aprendeu a regular, a medir, a dizer e a escutar e respeitar mensagens de si mesmo e do outro tais como: ‘não quero’, ‘não dá mais’, ‘só até aqui’, ou ainda, se encontra em contextos nos quais estas aprendizagens se apagam, se diluem ou perdem a firmeza. Isto pode produzir prejuízos a si mesmo e a outros de diversas maneiras”. (Ravazzola)

Este aspecto comunicacional é, em realidade, muito amplo: inclui todas as formas de paradoxos, negações e contradições, assim como elementos relacionais bem delimitados e cotidianos, como as queixas, os protestos, alguns modos de brigas,

triangulações, etc. Inclui também desqualificações do interlocutor perturbador: distintas maneiras de rotular o outro e, por tanto, de tirar o valor de sua mensagem (designações psicopatológicas, como louco, histérica, etc., ou as ideológicas, como comunista, feminista, etc.). A ambivalência e ambiguidade das mensagens asseguram que não se perturbem consensos. O consenso é um valor mais importante em nossa cultura que a diversidade.

Pensar a violência do ponto de vista **construcionista social** implica em tentar entender a violência como uma construção social compatível com o contexto social construído. Portanto implica pensar a violência como algo temporal, local e historicamente determinado como qualquer outro fenômeno social. Implica pensar a violência como construção lingüística, parte da linguagem que define e é definida por um determinado contexto coletivo. A prática social, a ação conjunta é a matéria prima da construção de contextos. Assim, a relação entre prática e cultura, entre experiência e valores é indiscutível. Como qualquer outra coisa a violência é ação conjunta, com participações diferenciadas entre todos os elementos dos sistemas sociais.

A violência não é uma realidade que tenha uma só definição para todos os participantes de um sistema, nem tem uma objetividade diferente de qualquer outro fenômeno. Pensando na idéia de “posicionamento” (Shotter) em um contexto social as participações nos contextos de violência são diferenciadas. Em nossa forma de viver em sociedade algumas pessoas tem mais voz que outras, existe a desigualdade e, portanto a construção dos contextos é realizada e mantida a partir de participações diferentes de seus elementos. As participações individuais podem ter mais ou menos autonomia, dependendo da posição social que ocupam. Os indivíduos têm escolhas e consciência de suas escolhas possíveis a partir da visão que podem construir e compartilhar de suas vidas. Suas narrativas, histórias e performances sociais estão conectadas com a história, as relações e as experiências compartilhadas em seus contextos de pertinência. Podemos chamar estas diferenças de diferenças de poder. Segundo Marcelo Pakman: “o poder é uma força contextual dinâmica. Esta força existe somente incorporada na experiência que, em certas situações, alguns dos autores de uma interação dada são capazes de definir unilateralmente o que está acontecendo de” real “ num certo domínio para todos os membros dessa interação. A violência implica

no uso destas diferenças de posições para dominar e submeter o outro a sua própria definição de realidade. Privilégio, como uma posição de poder, que permite e possibilita a violência não é um atributo independente que as pessoas tem em qualquer interação possível. As vítimas não possuem essa posição como uma propriedade perpétua, e podem se tornar vitimizadores e ocupar uma posição privilegiada em outras circunstâncias. Da mesma forma os autores da violência podem se tornar vítimas em outras relações ou naquela mesma, contanto que mude o contexto da relação. Isso não nega o fato que muitos membros de nossas sociedades nascem em situações que já estão socialmente construídas de uma maneira que legitima e perpetua posições de não privilégio em múltiplos domínios.

Em um grupo social doméstico que manifesta uma relação cotidiana e significativa, supostamente de amor e proteção, existe “violência familiar” quando uma pessoa, fisicamente mais fraca que outra é vítima de abuso físico ou psíquico por parte de outra. Abuso implica sempre em um abuso antisocial de algum a mais de poder na relação afetada, tal que coloca ao abusado/a na condição de objeto e não de sujeito. Aos atos se somam às condições em que se produzem, que são de tal natureza que se torna difícil implementar recursos de controle social capazes de regular e impedir essas práticas, que, portanto tendem a repetir-se. Lamentavelmente, qualquer membro da família inferiorizado em suas capacidades pode ser, por uma ou outra razão, vítima de atos abusivos reiterados.

Uma outra característica de nossa cultura é o que chamamos de naturalização da violência. A violência é aceita socialmente em muitas situações para a resolução de conflitos, sejam eles das crianças na escola em que o pequeno deve aprender a se defender, seja nos confrontos pessoais e institucionais que temos acompanhado em que a violência não é um recurso não descartado. As formas possíveis de resolver ou prevenir a violência também são socialmente construídas como por exemplo os modelos jurídicos-morais e de controle e os modelos ganha-perde. Isto sem mencionar a exposição maciça à violência em filmes, tv, etc, o que a torna natural pela frequência com que estamos próximos da imagem. Então se pensamos assim, teremos que pensar a violência não como algo invasor a ser extirpado, mas como algo que é criado conjuntamente, legitimado em muitos espaços, quando não valorizado e encarnado em

nossas micropráticas cotidianas de forma invisível (natural). A violência faz parte das narrativas encarnadas em nossa forma de viver. Assim, fenômenos comunicacionais nos levam, todos, a aceitar e legitimar inadvertidamente práticas violentas. Há distintas formas em nossa sociedade de invisibilidade das indignidades. Todos nos acostumamos a certas formas de maltrato. Assim são também os companheiros da violência – os preconceitos – como gênero, etnia, idade, etc. O desenvolvimento do patriarcado e da economia capitalista e mesmo das ciências sociais, trouxeram a violência doméstica, as violações sexuais, a marginalização sócio-política das mulheres, a perda da dignidade e de lugares para os homens, a impossível masculinidade racional e não envolvida, a perda de conexão do homem com a terra, a mulher e as crianças.

Podemos acrescentar aí inúmeros outros fatores como o individualismo, a economia de mercado, etc, etc, etc.

Hoje em dia e, cada vez mais, acredito que a experiência, a ação é o palco onde iniciamos nosso **aprender** e como Bateson já dizia, aprender é mudar. Aprender é transformar a experiência em novas experiências enriquecidas (Paulo Freire). É mudar a partir da vivência. É transformar a experiência em algo que possa ser compartilhado, que possa ser generalizado, que possa servir de norteador para mudanças de rumo. Aprender a aprender é aprender a identificar relações, contextos e criar sinais e códigos que trazem alguma previsibilidade para estes contextos. Aprender é um ato de tornar-se consciente da experiência, construir sobre ela e, no processo criar novas experiências que se tornam parte do que sabemos. A aprendizagem sempre ocorre em uma marco de premissas tomadas como garantidas sobre o que é legítimo fazer ou mesmo pensar, ou seja é socialmente construída. É influenciada direta e indiretamente pelo poder de outros, assim como pelas forças que constroem as visões dos participantes sobre o que é possível. Sempre nos surpreendemos ao ver a repetição da violência. Mas se pensarmos em termos de aprendizagem contextual: O que podemos aprender em um contexto de tensão, opressão, medo?

Como são, então, os contextos onde ocorre a violência? Tenho feito algumas vezes exercícios em grupos que estão vivendo, pensando ou trabalhando com a violência. Há

dois tipos de exercício que eu gosto muito. Em um deles, peço às pessoas que lembrem de três situações de suas vidas: uma em que foram vítimas de alguma violência; outra em que foram autores de alguma violência e que, naquele momento tinham todas as justificativas possíveis para tal ato e, a terceira de alguma situação em que foram testemunhas de um ato violento¹. Depois de registrarem para si mesmos tais situações, peço que associem a cada uma sentimentos que tenham tido. O segundo exercício, muitas vezes uma continuação do primeiro é listar os ingredientes presentes e necessários para uma situação de violência. Nas respostas e reflexões que surgem a partir dos exercícios, identifiquei alguns temas e sentimentos que aparecem muito freqüentemente ligados a contextos de violência.

- Segundo Sluzki existem dois fatores contextuais de efeito devastador em contextos de violência: o primeiro quando ela é perpetrada por quem deveria proteger; o segundo quando a transformação de caráter protetor em caráter violento ocorre num contexto que destrói ou nega essa transformação.
- Os contextos de violência dentro da família ou das relações íntimas são caracterizados pela repetição de ciclos exponenciais e repetitivos. As pessoas nas situações de violência cumprem um papel de perpetuação destes ciclos. Todos compartilham preconceitos e valores que inadvertidamente ajudam a perpetuar a violência. Por exemplo: as mulheres compartilham com homens preconceitos em relação ao gênero e à naturalização de papéis culturalmente atribuídos aos homens e às mulheres. Assim se dá também em relação à educação das crianças. (Ravazzola)
- O binômio pertinência e exclusão. A violência está muito ligada à perda do sentido de pertencer, seja a um grupo, a uma família, a um extrato social, ou e, talvez principalmente, a valores que se perdem e que as pessoas tentam a muito custo manter porque não encontraram outros. As pessoas que se encontram em situação de violência, são pessoas que padecem de isolamento, falta de rede social,

¹ A primeira vez que ouvi as primeiras duas perguntas foi em um workshop de Marcelo Pakman em 1999. Após a leitura do livro de Cristina Ravazzola e da importância que percebi existir na figura da testemunha, incluí na reflexão este lugar assim como os sentimentos associados a cada uma das posições.

marginalização de muitos tipos (doença, velhice, desemprego, sexo). Por outro lado, em contextos de violência encontramos relações onde se criam formas de encerramento em pertinências: se alguém pretende fazer um movimento recebe acusações de deslealdade ou egoísmo, ou outros modos de pressões coercitivas que atentam contra as auto-afirmações. São contextos onde a pertinência não suporta diferenças e neste sentido a ameaça da exclusão é permanente. A sensação é de perda de autonomia e autoria da própria vida, ou dito de outra forma, na exclusão ou no encerramento em pertinências a vivência é de ser mais objeto do que sujeito de sua própria história.

- Percebi que a violência é uma linguagem para a expressão de conflitos, de poder, mas também de comunicação de toda qualidade de afetos. Esta linguagem que inclui formas muito sutis de se dirigir a outro se repete e se aprende muitas vezes ao longo de gerações. A percepção e definição do que é violência, do que é tolerável ou não dentro de uma relação é bastante diferente para as pessoas que aprenderam a viver em contextos em que as manifestações de cuidado, preocupação, medo e amor podem ser violentas.
- As pessoas sentem em contextos como este uma impossibilidade de serem ouvidos, no sentido de ser considerados, de terem voz. A sensação é de invisibilidade para o outro.
- São sentimentos presentes também a desconexão, a distância, o congelamento, a anestesia. Além da raiva e da vergonha.
- A sensação de impotência, a culpa, a desqualificação de si mesmo e dos outros, o desamparo, e medo, medo, medo... A violência está profundamente ligada a situações de medo. Medo não só de quem sofre a violência, mas também de quem a comete.
- Nos contextos de violência é quase impossível planejar, ter metas ou imaginar cenários futuros.
- Os contextos de violência são contextos onde estão presentes o julgamento, a busca da lei e da ordem fora deles. São contextos onde se vêem a falta de limites corporais claros, de limites relacionais, de orientação espacial, temporal, que tornam necessárias muitas vezes intervenções externas, buscadas pelos próprios

elementos do sistema ou não, para regular, controlar e legislar no sistema. Daí a presença de conversas através de processos, conselhos e outros órgãos de serviços e controle social como parte integrante da vida íntima destas pessoas. Esta situação é tipicamente uma em que a tentativa de solução se torna, recursivamente, uma parte do problema (violência).

- Estes sentimentos e situações não são exclusividade das vítimas, nem mesmo da testemunha da violência. Um de meus maiores aprendizados foi que nestes contextos os sentimentos são bastante parecidos, embora eles estejam praticando atos muito diferentes. Todos se sentem vítimas, todos em momentos diferentes sentem-se sem voz, sem protagonismo, desamparados, culpados ou fora de controle. Todos têm medo o tempo todo, de coisas diferentes.
- Também observei que as pessoas trocam freqüentemente de posição naquela ou em outras relações usando a mesma forma de comunicação, a mesma linguagem em qualquer uma delas. Muito comumente a saída de uma posição, por exemplo, de vítima, se dá assumindo a de autor. Isto nos permite sair do território de antagonismos fixos.
- Aprendi que as pessoas que vivem nestes contextos são especialistas na arte de sobreviver a situações de enorme sofrimento. São sobreviventes e lidam com seu mundo e suas histórias com recursos imaginados e criados para sobreviver. Relacionam-se com as pessoas a partir destes recursos, quer estes pareçam bons ou ruins para as outras pessoas ou para eles mesmos. Muitas vezes não têm a idéia, porque não tiveram a experiência, de que pode ser diferente. A preocupação com a sobrevivência, muitas vezes física e psíquica, não permite o uso de algumas habilidades relacionais ligadas ao prazer, à generosidade, à sensação de que há tempo, processo, etc. Não permite também espaço para a reflexão. As pessoas estão sempre alertas e prontas para a ação.
- Outro tema que está presente nos contextos de violência é o cuidado de si e dos outros. Em contextos de violência as idéias ou o foco em praticas de cuidado são raras ou repetem a violência. Assim, como se cuida do corpo? Como se cuida da casa? Como eu cuido de mim para me manter dentro de uma sensação de dignidade? Como se cuida do outro? Como me sinto cuidado nas relações e nas

instâncias sociais às quais recorro? Algumas condutas mistificadas em relação ao altruísmo, à abnegação, à resignação ou, por outro lado, a condenação também mistificada em relação ao egoísmo, à rebeldia, etc. se convertem em lugares socialmente inquestionáveis e idealizados que perpassam as estratégias de cuidado de si e do outro nestes contextos.

Incluo em todos estes pensamentos e sentimentos a vivência das equipes, das pessoas que trabalham com a violência. Podemos virar bombeiros, cuidando apenas da sobrevivência do trabalho e das pessoas e partindo para a ilusão de que nossa presença vai resolver e modificar o contexto para outro que nós sabemos melhor para a vida das pessoas. Podemos também nos sentir tão importantes para aquelas pessoas tão vitimadas ou desvalidas que nos descuidamos de nós mesmos. Podemos ainda reproduzir no seio de nossos trabalhos e com aqueles com quem trabalhamos (os clientes) atitudes violentas, especialmente as de exclusão e julgamento.

Temos nossos conceitos, nossas histórias de outros contextos e, quando começamos a trabalhar passamos a fazer parte dos contextos nos quais trabalhamos. Podemos viver ou reviver todos os sentimentos, preconceitos e posições possíveis dentro dele. Esperamos sempre aumentar nossa consciência a respeito disso e ajudarmo-nos uns aos outros para que não nos tornemos inadvertidos perpetuadores da violência onde queríamos mudá-la. Nas equipes que trabalham com violência o cuidado entre as pessoas é fundamental e a atenção aos temas como inclusão, escuta, autoria, solidariedade, etc. também. Conflitos existem a todo o momento nas relações humanas. Tentar lidar com eles em um registro diferente do da violência, por mínima que ela seja, é mais desafiador do que parece.

Percebo em meu trabalho cotidiano o efeito transformador que existe na escuta ativa e interessada do ponto de vista de cada um. Percebo a agressividade se tranquilizando quando se dá garantia de que aquela pessoa que cometeu um ato indesejável socialmente, ainda terá voz naquele contexto. Percebemos que os pactos de não violência funcionam melhor quando são acompanhados de garantias para todos os elementos do contexto de que sua voz será respeitada. Aprendi que passar por cima de qualquer violência que seja é um ato de desqualificação da percepção de quem

sofreu e de quem praticou a violência. Percebo que a aceitação do outro como legítimo outro e a crença no que as pessoas dizem, não importa o quão diferente seja aquilo do que você diria, ou do que algum outro disse, cria um contexto onde emergem outros sentimentos que podem ser uma contrapartida à violência e que podem dar a cada pessoa de acordo com a posição que ocupa novas alternativas de escolha. Percebo que em cada pessoa que pode ter outro tipo de experiência, surgem imediatamente, mesmo que para desaparecer em seguida, outros sentimentos como a potência, o desejo, a alegria, a generosidade. Cabe a nós, em uma tarefa artesanal trabalhar para a manutenção destas novas experiências e a transformação delas em diferenças que façam diferenças para os que estão fazendo parte destes contextos. Como diz Bateson a mudança é a diferença que faz diferença e que permanece ao longo do tempo. Percebo que apesar de estarmos assujeitados a entraves burocráticas e legais, demoras, falta de recursos, etc. mesmo assim dentro de um micro contexto as pessoas sentem-se mais autoras da sua própria vida e mais sujeitos do que objetos. Sentem-se fazendo ou refazendo escolhas e valorizadas em sua tentativa.

Hoje em dia penso no trabalho com as pessoas que estão em situação de violência, sejam eles estritamente terapêuticos ou não, como a construção de contextos de cuidado e de aprendizagem de cuidado para todos, inclusive nós, profissionais. Isto inclui além das noções mais comuns de cuidado, a garantia de alguns acordos e negociações na convivência que permitam a não reprodução e a possibilidade de reparação de atos violentos já cometidos. Tais contextos não são neutros eticamente, têm uma direção: a valorização da escuta, das redes de pertinência e da criação e recuperação da autoria e da potência de ser no mundo. Percebo a frequência da equação autoria – criatividade – potência em mínimas doses. Não falo de fatos grandiosos, mas mínimos dentro do cotidiano possível de cada um. Às vezes apenas um gesto faz toda a diferença. Isso se reflete no cuidado corporal, na postura, no que chamamos entre nós de descongelamento. Os processos são demorados, trabalhosos e muitas vezes desanimadores para todos. Concentramo-nos em não perder em nós a relação entre esperança e limitação.

O que pode nos ajudar nesta tarefa é, não perdermos a consciência no sentido da visibilidade para cada um de que a violência é socialmente instituída e

inadvertidamente perpetuada por cada um de nós. É necessário recursivamente apostar que na relação constante entre os micro e macro contextos podemos tecer algumas ilhas e ondas de paz, mesmo que muitas vezes elas pareçam desaparecer e sucumbir a todo o resto. Podemos fazer isto estando permanentemente em contato com nossas histórias, com os momentos em que estivemos em contextos que para nós foram violentos e nos conectando com as diversas posições que ocupamos em nossos contextos de pertinência e de que forma nos sentimos. Para mim uma das melhores ferramentas para trabalhar em contextos onde existe a violência é não perdermos a noção de que ela está encarnada em nós como parte de nossa herança cultural e que só percebendo assim podemos ter meios para nos aproximar dela como algo que não é só do outro, mas de todos.

Como diz Ravazzola: “Não sou melhor do que eles, o que faz com que me respeite e me faça respeitar e que tenha respeito pelos outros, é que tomei a decisão de me esforçar, a cada momento, no exercício da contenção necessária quanto a mim mesma e aos outros”.